

REVISTA



MINAS
PELA
PAZ

1º SEMESTRE 2015/Nº2

OPORTUNIDADE E INCLUSÃO

Em projetos que integram a iniciativa privada, governos e sociedade civil, Minas Pela Paz avança na promoção da inclusão social de recuperandos e egressos do sistema prisional



Mater Dei Contorno já está funcionando com sucesso!



A Unidade está preparada para atender você e sua família.

- Amplo Pronto-socorro 24h adulto e pediátrico
- Bloco cirúrgico
- Apartamentos confortáveis para internação
- CTI com atendimento humanizado
- Centro de Diagnóstico com equipamentos de última geração
- Equipes qualificadas e corpo clínico diferenciado.



Dr. Sandro Rodrigues Chaves
Diretor Técnico
CRM-MG 24892

Unidade Santo Agostinho
Rua Mato Grosso, 1.100
Santo Agostinho - BH | MG
CEP: 30.190-081

Unidade Contorno
Av. Contorno, 9.000
Barro Preto - BH | MG
CEP: 30.110-064

www.materdei.com.br
f facebook.com/hospitalmaterdei
t twitter.com/hosp_mater_dei



EXPEDIENTE

CONSELHO DELIBERATIVO:

Cledorvino Belini | FCA – Fiat Chrysler Automobiles
Olavo Machado Junior | Sistema FIEMG
Otávio Marques de Azevedo | Andrade Gutierrez S/A
Francisco Sérgio S.Cavaliieri | Alesat Combustíveis S/A
Luiz Alberto Garcia | Algar S/A Empreendimentos e Participações
Luiz Alexandre Garcia | Algar S/A Empreendimentos e Participações
Hélcio Roberto Martins Guerra | AngloGold Ashanti Brasil Mineração Ltda
Jefferson de Paula | ArcelorMittal Brasil S/A
Aguinaldo Diniz Filho | Cedro Textil
Paulo Eduardo Rocha Brant | Celulose Nipo Brasileira S/A – CENIBRA
Manoel Vitor de Mendonça Filho | Gerdau
Rubens Menin Teixeira de Souza | MRV Engenharia e Participações S/A
Betania Tanure | PUC / BTA
Ricardo Vescovi de Aragão | Samarco Mineração S/A
Alexandre de Campos Lyra | Vallourec Tubos do Brasil S/A

DIRETORIA

Marco Antonio Lage | FCA – Fiat Chrysler Automobiles
Jedaias Jorge Salum | Celulose Nipo Brasileira S/A – CENIBRA
Dirlene Rosana Taveira Corrêa | AngloGold Ashanti Brasil Mineração Ltda
Ana Gabriela Dias Cardoso | Gerdau
Rafaelle Peano | Grupo Fiat

CONSELHO FISCAL

Denis Kleber Gomide Leite | Andrade Gutierrez
Gilson de Oliveira Carvalho | Fiat do Brasil S/A – FCA
Claudio Marcassa | Sistema Fiemg

MINAS PELA PAZ

Gestor: Maurílio Pedrosa / **Gerentes de projetos:** Eneas Alessandro da Silva Melo e Ana Luiza de Lima Veloso / **Coordenador de projetos:** Ronalte Vicente da Silva / **Coordenadora Administrativa:** Luciana Cristina Ferreira Pessoa / **Estagiária:** Débora Patrice Oliveira / **Colaborou nesta publicação:** Liliane Lana
Av. do Contorno, 4520 – 7º andar – Funcionários – BH/MG – CEP 30110-916
www.minaspelapaz.org.br – (31) 3214-0417

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Flávia Rios – 06013 JP

EDIÇÃO: Jeane Mesquita e Licia Linhares

REPORTAGEM: Bárbara Fonseca, Beatriz Debien, Brígida Alvim, Luiz Navarro Pamella Berzoini, Rayane Dieguez e Viviane Miranda

PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO: Rede Comunicação de Resultado

DIAGRAMAÇÃO: Mayron Henrique

FOTO DE CAPA: Leandro Perez/MPerez

GRÁFICA: Paulinelli

TIRAGEM: 2.000

FUNDADORES



PARCEIROS



12

INSTITUCIONAL

Oito anos de conquistas e defesada paz

13

ENTREVISTA

Rede humanizada e qualificada

16

VOLUNTARIADO

Um ato de generosidade

22

SEGURANÇA

Cooperação pela paz



24

REINTEGRAÇÃO SOCIAL

Hora de recomeçar

SUMÁRIO



40

BONS EXEMPLOS

Paz: o dever de casa é para todos

41

DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Chuteiras nos pés e livros nas mãos

42

ARTIGO

O esporte e a formação humana



30

CAPA

O trabalho como caminho

Quando as raízes são fortes, as pessoas crescem mais alto.

O Árvore da Vida é o programa de relacionamento da Fiat com a comunidade do Jardim Teresópolis em Betim, MG. Com 10 anos de existência, suas atividades educativas, de fortalecimento da comunidade e de geração de trabalho e renda já beneficiaram mais de 21 mil pessoas, promovendo o desenvolvimento da região. Conheça alguns dos jovens beneficiados pelo programa »»»

Ystael Rocha, 20 anos - iniciou no programa em 2007, nas oficinas de percussão, formação humana e preparação para o mercado de trabalho. Hoje, cursa Administração de Empresas, se tornou estagiário do Árvore da Vida e é monitor de percussão e das atividades de musicalização infantil nas creches do Jardim Teresópolis.

Keren Karolaine, 13 anos - iniciou no Árvore da Vida em 2014, nas atividades musicais de percussão. Hoje, ela também participa das aulas de violão e formação humana do programa.



Leo Burnett Tailor Made



Pedestre, use sua faixa.
arvoredavida.fiat.com.br #dirijaseumundo



De mãos dadas com a comunidade transformando vidas.

CULTURA DE PAZ, GENTE QUE FAZ



Studio Cerrí

A publicação do 8º Anuário Brasileiro de Segurança Pública tangibiliza com padrões econômicos o custo global da segurança (ou insegurança) pública no Brasil. São R\$258 bilhões, ou 5,4% do Produto Interno Bruto (PIB) de 2013, somados os investimentos governamentais, além das vidas perdidas, gastos com seguro e segurança privada, dentre outras despesas.

Não bastassem as dores que a violência nos impõe, recursos que poderiam ser destinados à educação e prevenção à saúde – por exemplo – são direcionados a iniciativas que visam estancar o sangramento. São efetivas? Estamos no caminho certo? Que exemplos nos inspiram a acreditar na mudança?

A fim de respondermos a esses questionamentos, abrimos a segunda edição de nossa revista com a perspectiva do juiz Luiz Carlos Rezende e Santos. “A criminalidade é um reflexo das falhas na formação social dos cidadãos. Mais de 90% (...) desconhece limites, vêm de famílias desestruturadas, possuem ligações com drogas, não concluíram o ensino básico”, provoca.

Nesse sentido, entendemos a importância de se dar oportunidade àqueles que estão inseridos em um contexto de vulnerabilidade social. Para isso, o Minas Pela Paz articula parcerias para capacitar detentos e mobilizar parceiros para formação e inserção no mercado de trabalho aos egressos e condenados do sistema prisional. Na matéria de capa, você vai conhecer iniciativas que vêm sendo desenvolvidas no Estado e os resultados positivos que elas podem gerar para a sociedade como um todo. Outra iniciativa que tem gerado mudanças concretas é o projeto Trampolim, que acolhe adolescentes em conflito com a lei.

Entendendo que a cultura de paz é uma construção coletiva, fomos conhecer vivências concretas a favor dessa causa. Encontramos iniciativas de escolas públicas que conseguiram minimizar o impacto da violência do entorno através da aproximação com a comunidade. Inspirador também é o trabalho voluntário realizado no sistema prisional. São histórias reais, de gente que leva perdão e respeito a um universo evitado pela maioria.

E, se falta formação humana para reduzir a violência, Dirceu Lopes – ele mesmo, jogador do Cruzeiro nos idos de 1960 e 1970 – aponta o esporte como um caminho: “O que realmente vai transformar a percepção dos jovens é a forma como o conhecimento é repassado por meio de seus líderes”.

Com nossos agradecimentos aos anunciantes que tornaram viável esta edição, desejamos uma boa leitura na certeza de que esta publicação presta um serviço de valor à sociedade de modo condizente com nosso propósito de promoção da cultura de paz.

Marco Antônio Lage, diretor-coordenador do Minas pela Paz

UM MAIS UM SÃO MUITOS.

Não é preciso entender de números pra saber: quando uma pessoa se junta a outra por uma grande causa, o resultado é sempre maior que dois. Por isso, acreditamos e apoiamos o **Minas pela Paz**. E convidamos você a fazer o mesmo. Uma sociedade mais justa e mais segura começa quando acreditamos nela.



COM A PALAVRA, NOSSOS NOVOS PARCEIROS

Pensando em um mundo melhor que apoiamos boas intenções que nascem, principalmente, de instituições que se dispõem a realizar um trabalho sério e determinado, como o Minas Pela Paz. Através da inclusão social, promovemos a paz e o resgate do valor humano.

José Eduardo Lanna Valle | Presidente da Automax

O Minas pela Paz desenvolve um importante trabalho de mobilização para que a sociedade atue de forma integrada na promoção da paz social. Os valores do instituto estão em sintonia com os nossos e acreditamos que, por meio dessas iniciativas, contribuímos para construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Luiz Henrique Andrade de Araújo | vice-presidente do Banco Mercantil do Brasil

Os resultados do Minas Pela Paz são muito estimulantes. Abrir vagas para egressos do sistema prisional e qualificá-los para o mercado de trabalho é o que há de mais moderno na vanguarda social brasileira. A CBMM, que atua com vigor na área social de Araxá, sente-se honrada de ser parceira da FIEMG na missão de levar a cultura da paz a Minas Gerais.

Tadeu Carneiro | Diretor geral da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração

Minas Gerais está em nosso DNA e nos sentimos honrados de poder participar deste projeto. O Minas Pela Paz promove a cooperação mútua entre Estado, indivíduos e o setor privado para a construção de uma sociedade democrática e socialmente mais inclusiva.

Flávio Moraes Barbosa | Diretor administrativo financeiro da Elba Equipamentos e Serviços

Acreditamos que a promoção da paz começa a partir da atitude de cada cidadão e que, como empresa, precisamos ter responsabilidade com a construção de um novo mundo. No que se refere ao desenvolvimento sustentável,desenvolvemos empreendimentos sob o tripé economicamente viável, ecologicamente correto e socialmente justo.

Eduardo Gribel | Presidente do Grupo Tenco Shopping Centers

A promoção da paz é o método mais eficaz no enfrentamento da violência e, quando realizada com a participação dos diversos setores, gera benefícios efetivos para toda a sociedade. Contribuir para a transformação de vida de pessoas que buscam a reintegração social é fazer o dever de casa para construirmos um mundo melhor.

Jacques Gontijo | Presidente da Cooperativa Central dos Produtores Rurais (CCPR)

A principal importância da união entre os setores, conduzida agora pelo Minas pela Paz, é a de suprir a ausência do Estado em muitos aspectos da nossa sociedade.

Carlos Galvão | Diretor Superintendente da UTC Engenharia

Tendo em vista a amplitude dos problemas enfrentados pela sociedade, é necessário que as organizações também compreendam seu papel no ciclo de promoção da paz. Sem as parcerias público-privadas resultados realmente efetivos não serão alcançados.

Valter Luís de Souza | Presidente da Tora Transportes

A Tracbel sempre pautou no seu discurso a busca por uma sociedade melhor e mais justa. Uma de nossas iniciativas, o Projeto Profissionalizar, já formou mais de 500 jovens para o mercado de trabalho. O papel da empresa vai além da contribuição econômica. Por isso, apoiamos o Minas Pela Paz. A Tracbel veste essa camisa!

Luiz Gustavo Rocha de Magalhães Pereira | (CEO) Tracbel

Um futuro com paz é onde a educação esteja em primeiro lugar para que a sociedade seja formada por cidadãos pensantes, atuantes e exigentes, proporcionando a todos e de maneira mais justa oportunidades de crescimento pessoal, intelectual e financeiro.

José Jerônimo Figueiredo | Fundador da Transamigos

Paz tem um significado superior às explicações encontradas: é uma questão de posicionamento. Paz é conforto e não acomodação. O futuro com paz será criado a partir de movimentos e incômodos sentidos por pessoas de ação. O Instituto Minas Pela Paz, através das suas pessoas e parceiros, exerce esse papel com grandeza.

Moisés Bucci | Presidente da TRW América do Sul

A Turin Transportes acredita que o papel da empresa vai além de oferecer serviços aos cidadãos. Também é se envolver com a comunidade em que está inserida e contribuir para o desenvolvimento sustentável da região onde atua. Fazer parte do Minas Pela Paz é consolidar a atuação como empresa cidadã.

Reinaldo Adriano de Castro Cotta | Presidente da Turin Transportes

Um futuro com paz já seria o presente se cada um de nós, independentemente de cor, credo, formação e/ou classe social, tivéssemos a consciência de que com o pouco que pudéssemos contribuir, alcançaríamos o muito que nem poderíamos imaginar.

Gilberto Pentagna Guimarães | Diretor Executivo da Vito Transportes

Ter um futuro de paz é olhar para frente e ver uma sociedade na qual predomine o respeito entre as pessoas e a cidadania. Para isso, são fundamentais investimentos em educação e, também, a cooperação nas relações humanas.

Kaumer Chieppe | CEO da Vix Logística





OITO ANOS DE CONQUISTAS E DEFESA DA PAZ

Minas Pela Paz amplia parcerias e consolida programas, beneficiando diretamente cerca de 70 mil pessoas

O Minas Pela Paz foi fundado em 2007 pelas empresas que compõem o Conselho Estratégico da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), com o objetivo de atuar na melhoria dos índices de segurança pública e da qualidade da educação. Sua missão é promover a cultura de paz por meio da inclusão social de pessoas em vulnerabilidade social, transformando suas vidas.

Os recursos empregados no Minas Pela Paz são fruto de parcerias firmadas e consolidadas atualmente com 57 empresas, das quais 11 são fundadoras e as demais oferecem apoio à condução das atividades. Toda a diretoria do Instituto e o seu Conselho Deliberativo atuam voluntariamente no planejamento e na gestão estratégica das ações.

Cerca de 70 mil pessoas já foram envolvidas pelas iniciativas promovidas para o fomento da segurança pública e da educação: 181 Disque Denúncia, Regresso, Além dos Muros, Trampo-

lim, Acervos Museológicos, Futebol Minas Pela Paz e Voluntariado.

Em seus oito anos de atuação, o Minas Pela Paz alcançou importantes e significativos resultados em diversas frentes de trabalho. E para que eles tenham continuidade, é de extrema importância a colaboração de voluntários, sejam pessoas físicas, sejam empresas, formando um verdadeiro movimento a favor do fortalecimento da cultura de paz.

NOSSO NEGÓCIO: Promoção da paz social.

MISSÃO: Promover a cultura da paz, por meio da inclusão social, tendo em vista a transformação da vida de pessoas socialmente vulneráveis.

VISÃO: Ser uma entidade de mobilização permanente para integração dos diversos atores sociais na promoção da paz social.



REDE HUMANIZADA E QUALIFICADA

Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos aponta que as soluções para um modelo prisional mais eficiente vão além de recursos financeiros e infraestrutura

Boa vontade, solidariedade, compreensão, humanização, resgate de valores, reconstrução de vidas, participação da sociedade. Soltas, essas palavras parecem apenas belas expressões de efeito. Mas, no discurso do juiz da Vara de Execuções Penais de Belo Horizonte e diretor da Escola Judicial do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), Luiz Carlos Rezende e Santos, elas estão profundamente interligadas.

Nos últimos cinco anos, ele atuou no desenvolvimento de políticas públicas de execução penal, primeiro pelo TJMG,

por meio do programa *Novos Rumos*, ao lado do desembargador Joaquim Alves de Andrade, e, depois, no Conselho Nacional de Justiça (CNJ), como juiz auxiliar do ex-ministro Joaquim Barbosa e no Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário Brasileiro.

Para o magistrado, a transformação do atual cenário do sistema prisional brasileiro, marcado por indicadores preocupantes que mostram uma das maiores populações carcerárias do mundo, significativos déficit de vagas nas penitenciárias e alto índice de reincidência criminal, entre outros problemas, pode estar além dos investimentos financeiros e de infraestrutura. Nesta entrevista exclusiva para a revista **Minas Pela Paz**, ele apresenta as principais soluções para esse cenário.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2014 mostra que, em 2013, foram gastos R\$ 258 bilhões com custos sociais da violência, segurança pública, prisões e unidades de medidas socioeducativas, o equivalente a 5,4% do Produto Interno Bruto brasileiro naquele ano. Como o montante pode ser melhor aplicado?

Primeiro, precisamos conhecer o verdadeiro déficit de vagas no Brasil e quantos cumprem pena domiciliar, para viabilizar uma análise mais ampla. Também devemos compartilhar a responsabilidade do sistema prisional com toda a sociedade, conscientizá-la de que esse não é um problema isolado e alimentar essa discussão permanentemente. Outra prioridade é sensibilizar os profissionais que atuam nas penitenciárias para seu verdadeiro papel, que não deve ser de repressão e, sim, de reconstrução. E conscientizar operadores de Direito, como juízes, promotores, defensores e advogados, sobre a importância de atuar em rede para qualificar a prisão de pessoas, para que só permaneça nas cadeias quem realmente merece. O grande investimento deve ser na humanização e qualificação do sistema prisional.

Segundo o anuário, em 2013, a população carcerária ultrapassou a marca de 570 mil pessoas. Como avalia esse cenário?

Os dados do anuário e do Departamento Penitenciário Nacional (Depen) são referentes ao sistema carcerário brasileiro não incluem os senten-

ciados em prisão domiciliar. O Conselho Nacional de Justiça apresentou, este ano, o *Novo Diagnóstico de Pessoas Presas no Brasil* que mostra que o país, considerando a prisão domiciliar, possui mais de 700 mil pessoas presas. Esse indicador leva o Brasil ao terceiro lugar no *ranking* mundial de população prisional, atrás dos Estados Unidos e China. Precisamos entender que o nosso modelo de sistema prisional é nefasto, a reincidência criminal é alta e estamos, na verdade, contribuindo para o crime, pois as pessoas voltam piores.

Como frear o aumento da população carcerária?

Esse é um desafio mundial. Precisamos mudar a visão da sociedade a respeito do problema, que é de todos e não só do poder público, adotando uma cultura de paz na condução da questão. A criminalidade é um reflexo das falhas na formação social dos cidadãos. Mais de 90% têm problemas de desenvolvimento humano, desconhece limites, vêm de famílias desestruturadas, possuem ligações com drogas, não concluíram o ensino básico. Precisamos, enquanto acautelá-los, reconstruí-los, levar a eles valores sociais e desenvolver neles o espírito de solidariedade e o respeito mútuo. Mas, essa recuperação não tem como ser feita em um ambiente como o que existe em nossas cadeias e sem a participação da sociedade.

Como transformar esse ambiente em um local propício à recuperação de condenados?

Investindo na formação mais humana do agente penitenciário, que lida diariamente com os presos. É preciso qualificá-lo para ser um educador e orientador solidário, com capacidade para identificar e compreender as mazelas do apenado. Mas, no Brasil, em razão de superpopulação carcerária e do ambiente em que está inserido, esse profissional se tornou mais um órgão repressor e intimidador. Não estou dizendo para passar a mão na cabeça. Mas não acredito nessa vestimenta tão embrutecida. Ele está ali para garantir que a pena prisional seja bem-cumprida, ajudando a brotar no condenado um sentimento de que pode ser um cidadão útil fora da cadeia, com a certeza de que vai sair de lá e nunca mais voltar.

Qual o papel da sociedade civil nesse processo?

A comunidade não pode esquecer de que essas



pessoas são fruto dela mesma. Ela precisa compreender que houve falhas na formação social, conhecer os contextos de vida e o universo prisional para ajudar a tratar as causas dessas mazelas. À medida que a sociedade se desperta para a questão, surgem modalidades novas de execução de penas. Como a construção de pequenas prisões que, por serem próximas e acolhidas pelas comunidades e acessíveis às famílias, apresentam melhor índice de recuperação em comparação aos grandes sistemas prisionais isolados, já testados e que se revelaram ineficazes.

E da iniciativa privada?

Quando falo do papel da sociedade, incluo a iniciativa privada. Seu diferencial é a objetividade para buscar resultados e lidar com gestão. As iniciativas, em especial as mineiras, como o Minas Pela Paz, vêm abrindo oportunidades aos apenados no mercado de trabalho e são exemplos no combate ao preconceito e à criminalidade.

Existem outras soluções viáveis?

Existem as penas alternativas, mas que, no Brasil, ninguém sabe quem é o verdadeiro dono: se é o judiciário ou o executivo, por exemplo. Em Minas Gerais, há uma boa política desenvolvida nos úl-

timos 10 anos, como a criação dos *Núcleos de Prevenção à Criminalidade* (NPCs), da *Central de Acompanhamento de Penas e Medidas Alternativas* (Ceapa), do *Programa de Reintegração Social dos Egressos do Sistema Prisional* (Presp) e até da *Lei do Egresso* (18.041/2009). Essas iniciativas são positivas, porém, estão em apenas 11 ou 12 grandes centros do Estado, enquanto deveriam estar em todas as cidades. Esse é um dos problemas da superpopulação carcerária: a ausência de efetividade da política de penas alternativas.

Como qualificar a execução penal?

É preciso dar condições ao juiz de uma identificação ágil do cidadão preso. Precisamos fazer uma articulação em rede entre os órgãos de assistência social municipal e estadual e os operadores de Direito, para compreender o fluxo do sistema prisional e das execuções penais, para que a prisão seja destinada aqueles que realmente representam perigo à sociedade. A prisão deve ser qualitativa e não quantitativa.

O que o faz acreditar que é possível mudar essa realidade com esse novo olhar?

A gente percebe esse resultado em pequenas prisões. Na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Apac), por exemplo, estão todos de mãos dadas, existe esse compromisso de resgate do ser humano. Por isso, dentro delas o índice de reincidência criminal é o menor. Chega a ser sete vezes mais baixo que o do sistema prisional comum.

Em que a Apac se diferencia?

Na qualificação das pessoas que fazem a gestão prisional, que são da própria comunidade. O diretor da Apac é um voluntário, não recebe nada por essa tarefa tão difícil, que assume por acreditar que pode diminuir a criminalidade em sua cidade e que, pela Apac funcionar bem, a grande maioria de seus presos não voltará criminoso. Outro diferencial é na preparação dos funcionários para lidar com apenados. Eles entendem que os presos são como pedras brutas a serem lapidadas, que não estão ali somente para evitar fugas, mas, acima de tudo, para ajudar a mudar e a reconstruir vidas. Uma curiosidade das Apacs é que elas operam com dez vezes menos agentes prisionais que o sistema comum, não existe arma de fogo e nunca houve uma rebelião. Isso porque o ambiente é de paz e não de intimidação ou violência.

UM ATO DE GENEROSIDADE

Voluntários doam parte de seu tempo para levar capacitação, cuidado e esperança a recuperandos das Apacs

Trocar vivências e contribuir com o processo de recuperação de condenados do sistema prisional. Ser voluntário da Associação de Proteção ao Condenado (Apac) pode ser uma experiência transformadora, tanto para quem faz o trabalho, como para aquele que o recebe. Ciente da importância dessa ação para a difusão da cultura de paz, o Minas pela Paz desenvolve projeto para dar criação de uma rede de voluntários para apoio às atividades das Apacs e suporte psicossocial às famílias de recuperandos. Em fase de mobilização (saiba mais como participar na página xx), a iniciativa tem como inspiração os bons exemplos encontrados nas unidades da Apac no Estado.

Caso do chef de cozinha de Belo Horizonte, Jaime Solares, que há mais de um ano reserva suas segundas-feiras ao trabalho voluntário na Apac de Nova Lima. Nesse dia, é ele quem assume a cozinha da entidade, onde prepara mais de cem refeições para recuperandos e funcionários.

Jaime é um dos 40 voluntários que atuam na instituição, nas mais variadas ocupações. O voluntariado está entre os pilares do *Método Apac* e é um dos aspectos que diferencia a instituição das unidades prisionais convencionais. De acordo com a presidente da Apac de Nova Lima, Sandra Tibo, entre os papéis do voluntário na entidade está, além de contribuir com seus conhecimentos técnicos, trabalhar junto aos recuperandos o resgate de valores, como respeito e perdão. “As pessoas, geralmente, não querem ajudar quem está nesta situação, têm medo e preconceito. Mas, antes de ter uma opinião, é preciso conhecer de perto a realidade. Ao fazer trabalho voluntário com esse público, o cidadão dá sua contribuição para a redução da criminalidade no país”, afirma.

Para ser voluntário nas Apacs, é necessário fazer um curso, oferecido na instituição, para aprender mais sobre o método e os seus objetivos. A partir do perfil e das atividades de interesse, é feito o encaminhamento para as demandas. As áreas de atuação abrangem os

Fotos: Leandro Perez/MPerez

serviços de saúde, a parte administrativa, as revistas realizadas em finais de semana de visita, as atividades espirituais e religiosos, o ensino profissionalizante, o apoio às famílias dos recuperandos, entre outros.

Quando Jaime esteve na Apac de Nova Lima pela primeira vez, a proposta era reunir-se, em um só encontro, com a equipe de cozinha – os próprios recuperandos – para falar sobre o gerenciamento do setor, a necessidade de redução de desperdícios e as alternativas de cardápios mais saudáveis. O retorno, contudo, foi tão positivo, que o *chef*, que comanda o restaurante Borracharia Gastropub, na capital mineira, resolveu transformar a visita em um trabalho contínuo. “Junto com a equipe da Apac, executo o cardápio do dia e, ao mesmo tempo, passo técnicas de preparo e dicas de reaproveitamento de alimentos.”

Um dos principais focos dele tem sido o incentivo ao consumo de verduras, temperos e legumes cultivados na horta orgânica da instituição. “Tento mostrar aos recuperandos que preparam as refeições que é um luxo poder comer diariamente hortaliça sem agrotóxico. Já notamos algumas mudanças, como a substituição de condimentos industrializados por temperos caseiros”, revela o voluntário. A qualidade dos produtos é tão boa que Jaime tornou-se, também, um consumidor. “Semanalmente levo as hortaliças para o meu restaurante. Na horta da Apac, há uma variedade incrível de produtos que não é encontrada facilmente em sacolão.”

Satisfação diária

No início, segundo o *chef*, nem todos os recuperandos que trabalhavam na cozinha estavam interessados em aprender mais sobre a atividade. Contudo, à medida que se tornaram frequentes os elogios às refeições, a satisfação contagiou a equipe, que tem se mostrando cada vez mais comprometida e aberta a sugestões. “É muito gratificante ver como ela absorve o conhecimento prático e teórico. O cuidado com o preparo e a forma de apresentação evidencia uma mudança de comportamento. Antes, os recuperandos viam o trabalho na cozinha como uma tarefa pesada, chata. Hoje, o local é mais feliz, tem música, conversa boa e vontade de fazer bem-feito.”



O *chef* Jaime ensina os recuperandos a preparar refeições saudáveis, oferecendo-lhes uma oportunidade de profissional futura

Além de atendimentos emergenciais, a dentista Evalda atua como conselheira dos recuperandos



Um dos membros da equipe é o recuperando Marcos da Silva, de 45 anos. Antes de ser condenado, ele conta que trabalhou na cozinha de três restaurantes em Belo Horizonte, “Comecei como copeiro e depois passei para o preparo das refeições. Cheguei a trabalhar ao lado de *chefs*.” Há um ano na Apac, ele começou a trabalhar como cozinheiro logo que passou do regime fechado para o semiaberto. “Já aprendi a preparar temperos com o que temos na horta, com produtos que eu nem conhecia. Acho que esse conhecimento vai ser útil quando eu sair daqui”, diz.

Leandro Pires, de 26 anos, também trabalha na cozinha da Apac. Aos finais de semana, quando ele vai para casa, coloca em prática as receitas e os truques ensinados por Jaime. “Minha esposa fica impressionada. Outro dia fiz um repolho com maçã que ela adorou. Já gostava de cozinha, mas, agora, estou aprendendo novas técnicas. Tenho vontade de trabalhar com isso um dia”, fala animado.

O jovem, que está há pouco mais de um ano e meio na Apac, foi destaque em um concurso promovido por Jaime para premiar os recuperandos com maior comprometimento na cozinha. “Nós avaliamos, uma vez por mês, as atitudes de cada um em alguns quesitos, como combate ao desperdício e descongelamento adequado das carnes”, detalha. Como reconhecimento, Leandro ganhou um almoço, com acompanhante, na Borracharia Gastropub.

Doadora de sorrisos

Há 12 anos, o atendimento aos recuperandos da Apac de Sete Lagoas também faz parte da rotina da dentista Evalda Terezinha Alves. O interesse em trabalhar no sistema prisional se deu após o convite feito pelo promotor da cidade. “No início, como meu trabalho era à noite, ficava um pouco receosa, principalmente porque na Apac não há guardas, muito menos armas. Mas logo que conheci as pessoas, me tranquilizei. Sempre fui muito bem-acolhida e tratada com respeito”, observa.

Com o passar do tempo, Evalda sentiu necessidade de participar de forma mais ativa. Há seis anos, ela



Vera dedica parte do seu tempo no cuidado com os recuperandos e na coordenação do trabalho de 120 voluntários da Apac de Itaúna

começou a dedicar um dia inteiro à atividade. Para isso, às terças-feiras, ela fecha o seu consultório para focar nos pacientes da Apac. Além disso, passou a integrar a diretoria da casa, o que lhe possibilitou ampliar a atuação e o diálogo com os recuperandos. “Sou um pouco conselheira, psicóloga e até mãe. Muitas pessoas não acreditam que quem está preso pode se recuperar, mas quando temos a oportunidade de conhecer melhor um por um, vemos que há potencial para mudança. O que lhe falta, às vezes, é oportunidade e instrução.”

Devido à limitação de recursos, o trabalho que Evalda faz na Apac é direcionado a questões mais emergenciais. Contudo, mesmo que a demanda seja estética, a voluntária não mede esforços para poder propiciar um sorriso sadio ao paciente. “Estar com os dentes bonitos é importante para a autoestima de qualquer um. Para os recuperandos, isso também tem a ver com a confiança, com o fato de se sentir valorizado.”

Para auxiliar no atendimento odontológico, Evalda conta com o trabalho voluntário do recuperando Júlio Natael, de 28 anos, que também encontrou, por meio da atividade, outros horizontes e força para seguir em frente. “Há mais de dois anos na Apac, agora me preparo para entrar na faculdade de Direito. Tenho o incentivo da dentista para ver esse sonho concretizado. Não vejo a hora de começar.”

Conhecer para cuidar

Quando tinha 12 anos, a economista Vera Alice Rodrigues dos Santos, hoje com 64, foi vítima de um atropelamento que culminou na amputação de suas duas pernas. O fato de estar em uma cadeira de rodas, contudo, nunca foi visto por ela como uma limitação. “Não tenho barreiras para nada. Estou o tempo todo em movimento.”

O sorriso sempre estampado no rosto e a fala de quem já superou muitos desafios na vida são como combustível para os recuperandos da Apac de Itaúna, onde Vera é voluntária há nove anos. A experiência, segundo ela, tem sido de constante

aprendizado. “Sempre fiz trabalhos sociais, mas nunca com recuperandos. No entanto, depois que entrei na Apac, parece que minha vida passou a fazer mais sentido. Às vezes, recebo mais carinho e respeito deles do que na minha própria casa”, diz.

A história de Vera na Apac começou por acaso. Após ser desligada da empresa onde trabalhou por 20 anos, ela se inscreveu em um curso de informática e começou a prestar serviços de digitação para universitários. O trabalho era feito em parceria com o colega Rinaldo Cláudio Guimarães, também cadeirante, hoje inspetor da Fraternidade Brasileira de Assistência ao Condenado (Fbac), entidade responsável pela fiscalização, orientação e manutenção do padrão do *Método Apac*, com sede em Itaúna.

Vera e Rinaldo, que se conheceram por meio de uma associação de apoio a pessoas com deficiência da cidade, nem imaginavam que essa parceria seria fortalecida dentro dos muros da Apac. Numa reviravolta do destino, ele se envolveu em um crime e foi preso. Na Apac, depois de passar por um presídio convencional, conseguiu autorização da diretoria para continuar a fazer os trabalhos com Vera, que levava e buscava o serviço na instituição.

Certo dia, Rinaldo teve dúvidas na finalização de um trabalho, o que obrigou Vera a encontrá-lo pessoalmente, dentro do regime fechado. “Quando a terceira porta que dá acesso ao local fechou, meu coração até disparou. Não imaginava o que ia encontrar, estava com medo. Mas logo depois do primeiro contato com aquela realidade, quis ser voluntária.”

No começo, Vera dava assistência à área de tesouraria, da qual ela já tinha domínio. O envolvimento com as histórias dos recuperandos e funcionários foi tão significativo que, em pouco tempo, ela criou uma rotina diária de dedicação em tempo integral à Apac. Aposentada, ela atua hoje como coordenadora das atividades dos mais de 120 voluntários da instituição. Também faz visitas aos familiares dos recuperandos, dá conselhos, conversa, resolve conflitos, entre outras atividades que refletem no bem-estar do grupo. Quanto ao preconceito que muitos têm contra o grupo, Vera é enfática: “A gente só ama o que a gente conhece”.



SEJA ATUANTE

Para fortalecer a atuação das Apacs no Estado, o Minas pela Paz atua em diversas frentes junto a seus parceiros. Uma delas é a criação de uma rede de voluntários para apoio às atividades das Apacs e suporte psicossocial às famílias de recuperandos.

A proposta foi elaborada a partir do contato direto com gestores e recuperandos, que apresentaram as principais demandas e desafios da instituição e dos familiares. O projeto-piloto, que vai abranger as Apacs de Itaúna, Nova Lima, Santa Luzia e Sete Lagoas, está em sua segunda fase, que é a de mobilização, já cumprida a etapa de diagnóstico. Para participar, os interessados devem fazer inscrição no site do Minas pela Paz (www.minaspelapaz.org.br), clicando no link “Participe”.

MODA ENGAJADA

A partir do trabalho voluntário de nove estilistas e designers mineiros, o Minas Pela Paz lançou uma coleção exclusiva de camisetas. Inspiradas no tema cultura de paz, as peças foram apresentadas ao público durante a 15ª edição do Minas Trend Preview, maior evento de moda de Minas Gerais. Barbara Bela, Doiséles, Faven, GIG, Lucas Magalhães, Mabel Magalhães, Mary Design, Rogério Lima e Vivaz foram as marcas escolhidas para compor a coleção.

Além de evidenciarem, nas peças, o DNA de cada marca, os profissionais trouxeram elementos que disseminam o conceito de paz e a importância da parceria entre diversos setores da sociedade para o alcance de um futuro mais justo e igualitário.

A *t-shirt* Faven com coração de arabescos representa os bons sentimentos que cultivam e espalham a paz. Os arabescos remetem às veias e artérias que alimentam o restante do corpo. Assim como a teia da sociedade, que se mistura e se envolve para criar e garantir uma cultura de paz.” **Faven**

O modelo de camiseta para o Minas Pela Paz foi inspirado em um tecido estampado trazido do Taiti pela estilista Gina Guerra. Foi escolhida a pomba, pois é um dos maiores símbolos da paz, e a cor verde pelo seu significado de esperança.” **GIG**

Paz é liberdade. Poder se expressar, criar, percorrer lugares. Liberdade de ir e vir, de ser, de conhecer, de mudar e de respeitar outras formas de vida. Quando não temos paz, não temos liberdade. Vivemos em uma democracia, onde as escolhas e a vida do outro devem ser respeitadas.”

Lucas Magalhães

Mesmo antes de a medicina explicar o papel vital do coração, esse órgão já era tido como centro da vida, da coragem e da razão. Por isso, o escolhemos como símbolo do nosso trabalho pela paz. Se invertermos a forma do coração, ele é a forma da bandeira de Minas Gerais.” **Mary Design**

Buscamos elementos que remetessem à leveza, pureza e tranquilidade de espírito. Por isso, a cor branca e as aplicações de delicadas rendas francesas. Acredito que todos os setores precisam se engajar e fazer a sua parte a favor de um bem comum: a paz.

Barbara Bela

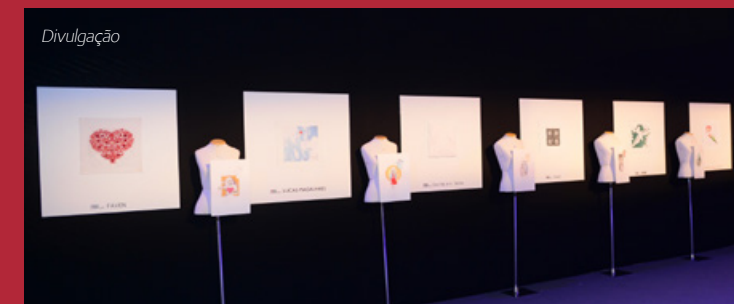
Nossa fonte de inspiração foi a busca dos recuperandos por liberdade e por uma oportunidade de reinserção na sociedade. Para retratá-la, criamos um bordado gráfico, com riscos que formam um xadrez desconstruído, representando as grades da cadeia se desmanchando e um novo horizonte se abrindo.” **Vivaz**

Como a nossa coleção de verão tem as tulipas como tema, resolvemos usá-las também nesta proposta de t-shirt. As flores transmitem alegria, cor e liberdade, conceitos que têm tudo a ver com a paz.”

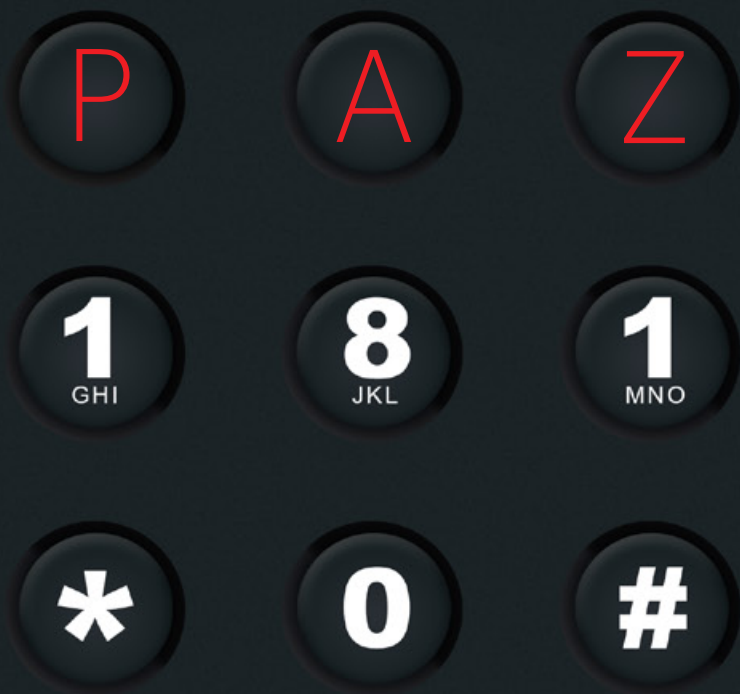
Mabel Magalhães

A Doiséles tem um trabalho social chamado Flor de Lótus, que emprega sentenciados das cidades de Juiz de Fora e Belo Horizonte. Os funcionários entre muros possuem um líder, Luiz Paulo Pacheco, que escreveu num pedaço de papel o que entendia sobre paz. Dessa escrita surgiu a estampa.” **Doiséles**

Os índios da América do Norte costumavam celebrar acordos de paz através do ritual de se fumar cachimbo conjuntamente. Era o chamado cachimbo da paz. Acredito que os projetos elaborados pelo Minas pela Paz remetem a esse ritual ao promover um espaço de diálogo e de ações efetivas.” **Rogério Lima**



COOPERAÇÃO PELA



Bem-informados e confiantes em relação ao serviço do Disque Denúncia, cidadãos contribuem no enfrentamento da criminalidade

O tráfico de drogas é um dos principais problemas de segurança pública. Essa afirmação é unânime em dados da Polícia Militar e Civil e se enquadra no tipo de crime que mais recebe denúncias no 181 Disque Denúncia de Minas Gerais. Só em 2014, foram registradas mais de 83 mil denúncias, que resultaram na apreensão de mais de 890 kg de drogas, de 60 mil papotes de cocaína, de 45 mil buchas de maconha e de 112 mil pedras de craque. Desde 2007, foram mais de 27 toneladas de drogas apreendidas. Um recente caso, com repercussão nacional, foi a prisão de nove integrantes de uma mesma família no mês de agosto de 2014 sob suspeita de tráfico de drogas na região nordeste de Belo Horizonte. Junto com os suspeitos foram encontrados 4.600 pinos de cocaína, 10 mil pinos vazios a serem preenchidos por entorpecentes, 28 buchas de maconha e uma barra da mesma droga. “Recebemos uma ligação nos informando sobre esse possível crime no bairro Vista do Sol. Apuramos a denúncia e a equipe do Batalhão de Rondas Táticas Metropolitanas (Rotam) fez uma operação no local e conseguiu prender os suspeitos”, conta o major Giuliano Oliveira Prates, representante da Polícia Militar do 181.

Para ele, a criação do Disque Denúncia trouxe muitos benefícios para a corporação e auxiliou o trabalho da PM. “Por meio das denúncias, conseguimos mapear pontos críticos em todo o Estado e enviar esses dados ao comando dos batalhões para que seja feito um planejamento direcionado contra o crime”, explica.

A articulação das parcerias que viabilizaram a implantação do 181 Disque Denúncia foi uma das primeiras tarefas do Minas Pela Paz, que havia sido criado meses antes da implantação do serviço pelo governo mineiro, em 2007. Partiu do Instituto a sugestão, ao governo, da implantação do Disque Denúncia Unificado, que integrou as Polícias e Corpo de Bombeiros.

Sua atuação se legitimou por meio de convênio com o governo através da Secretaria de Defesa Social. “Mesmo após a implantação, atuamos na divulgação do serviço à população, na manutenção e melhoria contínua do software, bem como a capacitação e treinamento da equipe de atendimento na prestação do serviço ao cidadão”, explica o gestor do Minas Pela Paz, Maurílio Pedrosa.

Trabalho em conjunto

O 181 Disque Denúncia abrange todos os tipos de crime – jogos de azar, danos ambientais, desarmamento, homicídio, tráfico de pessoas – e envolve uma equipe qualificada que abrange a Polícia Civil, a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros. Desde a sua criação, mais de 91 mil pessoas foram presas, recapturadas e apreendidas. “No momento em que a denúncia é repassada, profissionais das três corporações analisam qual o tipo de crime e quem será responsável por executar a investigação”, frisa o major.

Outro crime solucionado em conjunto pelas corporações foi uma tentativa de tráfico de pessoas no município de Novo Cruzeiro, na região Sudeste de Minas Gerais, em que uma mulher havia programado vender o seu filho para um homem de São Paulo. “Assim que recebemos a denúncia, informamos o plantão da Delegacia Regional de Teófilo Otoni. A Polícia Civil agiu prendendo os envolvidos antes que eles efetuassem a ação”, detalha o delegado Valter Nunes de Freitas, representante da Polícia Civil na coordenação dos trabalhos.

Desde a criação do 181 Disque Denúncia, foram registrados 28 casos de crimes relacionados ao tráfico de pessoas. “As informações e peculiaridades relatadas pelo denunciante proporcionam mais agilidade ao nosso trabalho”, comenta Valter. Desde 2008, só a Polícia Civil trabalhou em quase 7 mil denúncias, em que todas elas foram concluídas com sucesso.

Atuação preventiva

O caso da cidade de Novo Cruzeiro reflete o papel das corporações também no trabalho de prevenção e não só de solução de crimes. De acordo com o coronel Edmar Simião, representante do Corpo de Bombeiros na coordenação do 181 Disque Denúncia em Minas Gerais, cerca de 89% das denúncias recebidas são de não-conformidades encontradas em um determinado ambiente, das quais 99,6% são de natureza preventiva de acidentes ou vistorias de fiscalização. Ele observa que, no último ano, houve um aumento das denúncias desse tipo devido ao incêndio da Boate Kiss, que matou 242 pessoas no Rio Grande do Sul, em janeiro de 2013. “As pessoas se atentaram para esse problema e começaram a denunciar estabelecimentos em Belo Horizonte. Em 2014, registramos 4.931 denúncias, das quais 270 são dessa natureza”, observa.

Disque Denúncia: como funciona

O Disque Denúncia acontece através de ligação telefônica gratuita para o número 181, que pode ser originada de qualquer município de Minas Gerais. Um atendente recebe a denúncia, com a garantia de sigilo absoluto para o denunciante, e a registra em um software específico desse serviço. A denúncia é, então, encaminhada para a análise de um grupo com representantes das polícias e do Corpo de Bombeiros, que tem o prazo de 90 dias para realizar a investigação. O denunciante, após esse prazo, recebe uma senha para obter o resultado das investigações.

Desde a sua criação até dezembro de 2014, o Disque Denúncia registrou mais de 480 mil denúncias. Em 2014, foram 83 mil denúncias – sendo 21% originadas de Belo Horizonte, 20,6% da Região Metropolitana e 57,4% de cidades do interior do Estado.

HORA DE RECOMEÇAR

Projeto *Trampolim* possibilita a construção de uma nova história para adolescentes em conflito com a lei

Fotos: Leandro Perez/MPerez

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.” As palavras, ditas por Chico Xavier, expressam o sentimento de Pedro Evangelista da Silva. O jovem, de 19 anos, não imaginava o que aconteceria em sua vida quando, aos 11, se envolveu com o tráfico de drogas. Em um ambiente vulnerável e por influência dos colegas, ele parou de frequentar a escola, experimentou diferentes drogas, passou a vendê-las e começou a cometer delitos. Durante quase cinco anos, viveu nessa realidade.

Tudo mudou quando, em uma tentativa de assalto, acabou sendo apreendido pela polícia e encaminhado para o cumprimento de uma medida socioeducativa. “No início, só pensava em me livrar daquela situação, mas com o passar dos dias e a cada visita dos meus pais, em que via o sofrimento deles, percebia que estava levando uma vida que não era a minha. Decidi voltar a estudar e, para ocupar minha mente, comecei a participar de cursos de capacitação que próprio centro oferecia”, conta.

Após um ano na internação, Pedro evoluiu para a medida de semiliberdade devido ao bom comportamento. “A única certeza era que não queria voltar a viver como antes. Mas, também, tinha uma grande preocupação: não sabia como seria recebido pela sociedade.”

Foi nesse momento que o projeto *Trampolim* entrou em ação. Concebida pelo Minas Pela Paz, a iniciativa tem o objetivo de promover a inclusão social e a promoção da cidadania por meio da inserção profissional de adolescentes em conflito com a lei, visando a inclusão social e a preparação para o mercado profissional, com a oferta de cursos profissionalizantes e vagas de trabalho.

O projeto é desenvolvido em parceria com o Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional (CIA-BH), com a Secretaria Adjunta de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Gerência de Coordenação das Medidas Socioeducativas de BH e da Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas (Suase) e do programa *Se Liga*, ação do Governo de Minas que presta acompanhamento aos adolescentes e familiares após o cumprimento da medida socioeducativa.

A iniciativa conta, ainda, com a atuação de instituições especializadas na inclusão desse público, como Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Associação Profissionalizante do Menor (Assprom), Rede Cidadã, Junior Achievement, Cruz Vermelha, Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), Ceduc Virgílio Resi e de diversas entidades profissionalizantes que se interessam em participar do projeto.

O contato de Pedro com o *Trampolim* se deu por meio do Se Liga, onde recebeu orientação e foi encaminhado à Associação Profissionalizante do Menor (Assprom). “Comecei a fazer os cursos oferecidos e não demorou para que eu conquistasse o meu primeiro emprego”, diz. Hoje, com 19 anos, ele trabalha formalmente no setor administrativo de um hospital de Belo Horizonte, está se formando no ensino médio e pretende prestar vestibular para o curso de Direito. “Não tenho palavras para expressar os benefícios do *Trampolim* em minha vida. Não preciso mais de me esconder e estou tendo a oportunidade de reconstruir a minha história. Agora, tenho um futuro.”

Nova chance

O trabalho desenvolvido pelo *Trampolim* é destinado tanto aos adolescentes que ainda estejam cumprindo a medida socioeducativa quanto para aqueles que já a cumpriram. Para cada situação, o projeto atua com diferentes parceiros. Contudo, o pressuposto é que o adolescente seja o protagonista. “A atitude deve partir do jovem. Somos os articuladores que abrem as portas para o mercado de trabalho, mas é ele quem deve buscar por essa oportunidade”, enfatiza Ronalte Vicente da Silva, sociólogo e técnico social do Minas Pela Paz.

O adolescente é apresentado ao projeto e, frente ao seu interesse, é encaminhado às entidades profissionalizantes parceiras, onde são capacitados e direcionados ao mercado de trabalho. Em paralelo a essa etapa, a iniciativa assume o papel de sensibilização dos empresários para a importância da inclusão social. O Grupo Tracbel, especializado na revenda de máquinas e insumos, é um desses apoiadores. A empresa fechou uma nova parceria com o Minas Pela Paz e, por meio de um projeto interno denominado Profissionalizar, irá ofertar quatro vagas de capacitação aos atendidos pelo *Trampolim*. Além deste apoio, outras 29 empresas foram prospectadas no último ano, três se firma-



MINAS PELA PAZ NO FÓRUM SOCIOEDUCATIVO

Para medir a eficácia do projeto, integrantes e parceiros do *Trampolim* realizam o acompanhamento dos jovens que ingressaram no mercado de trabalho juntamente com as empresas que os contrataram. “Esse relacionamento próximo é necessário para mostrar ao jovem assistido que ele não está sozinho e que o projeto proporcionará um apoio constante e contínuo”, explica Ronalte.

Além disso, o Minas Pela Paz lidera a Comissão de Profissionalização do Fórum Permanente do Sistema de Atendimento Socioeducativo de Belo Horizonte. Suas funções são debater e acompanhar a inserção profissional dos adolescentes e buscar a participação da iniciativa privada na inclusão de jovens no mercado de trabalho. A iniciativa, que é do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, através da Promotoria de Justiça de Atos Infracionais da Capital, articula diversos setores da rede de atendimento e organizações que atuam na promoção de direitos de crianças e adolescentes para discutir e buscar melhorias constantes no sistema socioeducativo de Belo Horizonte.



INTERCÂMBIO DE VIVÊNCIAS

Com objetivo de promover uma troca de experiências, o projeto Trampolim realizou, em 2014, o primeiro encontro com os oito adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa que foram inseridos no mercado de trabalho ao longo do segundo semestre de 2014. O encontro, sediado no Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte, foi mediado pelo educador social e pedagogo Flávio da Silva Paiva, conhecido como Russo APR. Estiveram presentes, ainda, representantes das instituições parceiras.

“Ficou claro que estes jovens conquistaram seu lugar. Quando promovemos acolhimento e inclusão, percebemos que o adolescente passa a ter um sentimento de respeito com o outro”, avalia Ronalte Vicente da Silva, do Minas Pela Paz.

Um dos assistidos, hoje trabalhando no TJMG, relatou no encontro que, no início, não acreditava no projeto. “Ele disse que ia ao curso por insistência da mãe, mas com o passar do tempo viu o compromisso do projeto em lhe ajudar. É muito gratificante ouvir esses relatos e ver as mudanças reais que o Trampolim causa na vida desses jovens”, diz.



Capacitação profissional é uma das frentes de atuação do projeto *Trampolim* para a inclusão de jovens

ram como contratantes ao oferecerem, no total, 69 vagas de trabalho aos assistidos pelo projeto.

Carlos Cateb, presidente da Assprom, conta que a associação participa ativamente de reuniões, discussões e estudos de caso com toda a equipe do *Trampolim*. “Por ser a adolescência um período de grandes mudanças, não olhamos para essa pessoa a partir do ato infracional, podendo ele representar apenas uma circunstância de sua vida. Por isso, esses encontros são importantes para conhecer melhor cada um dos assistidos.”

Para a juíza Valéria da Silva Rodrigues, titular da Vara de Atos Infracionais da Infância e da Juventude, o *Trampolim* pode ser visto como um

projeto de política pública, uma vez que complementa o papel do Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional (CIA-BH). “Considero que este projeto, além de oportunizar ao jovem o primeiro emprego, resgata a sua cidadania, mostrando que existem alternativas fora da criminalidade, o que é muito significativo, visto que, anualmente, cerca de 9.500 menores de idade são apreendidos em Belo Horizonte.”

Objetivos diferentes

Em busca de novas alternativas de vida que Adriano Carvalho, 21 anos, procurou o Se Liga. Aos 17 anos, o jovem, que fazia parte de uma

torcida organizada, acabou se envolvendo em uma briga, em que ele e outros membros do mesmo grupo levaram a óbito um integrante da torcida rival. Adriano foi encaminhado à medida socioeducativa de internação. “Quando fiquei internado, tive tempo para repensar meus atos. As torcidas organizadas acabam deixando que pessoas frustradas e revoltadas descontem sua raiva nos outros, o que agora vejo como um grande absurdo”, diz.

Ele foi orientado no Se Liga a participar do curso de Aprendizagem Industrial e Processos Administrativos, que é oferecido pelo Senai por meio do *Trampolim*. “O Trampolim tem contribuído para a solução de diversos impasses existentes nos eixos de educação profissional, trabalho e renda”, esclarece a coordenadora regional do Se Liga, Martha Coridola.

Após finalizar o curso, Adriano pretende conquistar o primeiro emprego e irá conciliá-lo com os estudos, já que deseja ingressar na faculdade em 2015. “Depois de contar com essa oportunidade, meus objetivos mudaram. Hoje, só quero construir um futuro melhor e diferente da vida que levava antes”.

Fernando Alves, sociólogo e diretor da Rede Cidadã, uma das parceiras do Trampolim, analisa o trabalho desempenhado como de extrema importância para a população, já que a cidadania é um direito de todos. “A verdadeira cidadania ocorre quando jovens conquistam, com o trabalho, a sua renda. Isso faz com que a vida seja um projeto próprio. O Trampolim é a construção mais efetiva da cidadania sustentada na conquista do trabalho. A Rede Cidadã tem orgulho em ser parceira dessa iniciativa.”



Vida para as populações locais e para a biodiversidade.

As áreas preservadas pela CENIBRA abrigam mais de 4.500 nascentes que fornecem água limpa para a fauna, flora e para uso das comunidades situadas próximas às propriedades da Empresa.



O TRABALHO COMO CAMINHO

Gerar oportunidades de egressos do sistema inclusão social e redução

trabalho para condenados prisional contribui para a dos números da violência

Oportunidade. Essa, talvez, seja a palavra que muitos condenados do sistema prisional esperam encontrar após o cumprimento de sua pena e retomada da liberdade. Na prática, contudo, os egressos têm dificuldades em encontrar portas abertas na sociedade, o que significa um obstáculo para o processo de ressocialização. Ciente da importância de gerar oportunidades a esse público, o Minas Pela Paz articula parcerias com empresas, instituições de ensino e órgãos públicos para oferecer capacitação e vagas no mercado de trabalho para aqueles que já cumpriram ou estão cumprindo a pena. Os resultados, que muitas vezes não podem ser expressos em números, são animadores e apontam um caminho promissor para a inclusão social e redução da reincidência criminal.

Desde 2009, um dos parceiros do instituto nessa linha de atuação é o Programa de Inclusão Social do Egresso do Sistema Prisional (PrEsp), realizado pela Secretaria de Estado de Defesa Social (Seds), por meio da Coordenadoria Especial de Prevenção à Criminalidade. Criado em 2003 e presente em 11 municípios mineiros, o PrEsp promove o acolhimento àqueles que já cumpriram pena de privação de liberdade, oferecendo apoio psicológico, jurídico e profissional.

Para ser atendido pelo PrEsp, a pessoa pode ser encaminhada pela justiça ou procurar o programa voluntariamente, por meio dos Centros de Prevenção à Criminalidade (CPC). Em um primeiro contato, é feito o acolhimento por profissionais de diversas

áreas, que buscam identificar as principais demandas do egresso. “Damos apoio em diversas questões que a pessoa enfrenta após sair da unidade prisional. O eixo trabalho, certamente, é muito importante, pois esse público, geralmente, é vulnerável economicamente e não possui capacitação”, comenta a coordenadora Daniela Tiffany Prado de Carvalho.

O PrEsp é parceiro importante do Minas para desenvolvimento do Programa Regresso, que tem como objetivo oferecer oportunidades no mercado de trabalho a egressos do sistema prisional. Até o ano passado, o Regresso viabilizou a contratação de 857 pessoas, além da capacitação de mais de três mil condenados em cursos promovidos nas Associações de Proteção e Assistência ao Condenado (Apacs) e

unidades do sistema prisional comum. Além do PrEsp, são parceiros do Minas Pela Paz na iniciativa o Serviço Social da Indústria (Sesi), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) e Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (Fbac).

Para o gestor do Minas Pela Paz, Maurílio Pedrosa, o engajamento das empresas privadas com projetos de reinserção dos egressos no mercado de trabalho possibilita ganhos para todas as partes envolvidas. “Para as empresas, é uma forma de suprir uma necessidade por mão de obra, ao mesmo tempo que exercer a sua responsabilidade cidadã. Para os egressos,



é a oportunidade de ser protagonista, de garantir o seu sustento, dignidade e elevação da autoestima. Já para a sociedade, é o caminho para reduzir a criminalidade.”

Jonas Souza Moreira, de 30 anos, sabe o valor de uma porta aberta para aqueles que já passaram pelo sistema prisional. Ex-recuperando da Apac de Itaúna, há seis anos ele trabalha como técnico de manutenção elétrica da Usiminas, uma das empresas parceiras do Minas Pela Paz. A oportunidade de trabalhar na empresa surgiu após a participação de um curso de qualificação oferecido na Apac.

Durante o período em que estive na instituição, Jonas fez questão de trabalhar e participar das atividades oferecidas, pois acreditava que apenas dessa forma teria a chance de transformar sua vida. “Antes eu não tinha profissão, estudos e, muito menos, interesse. Na Apac, passei a ter vontade de ser uma pessoa diferente. Estudei e passei a pensar em trabalho, pois me via capacitado para o mercado. Me sentia mais confiante.”

Hoje, Jonas se diz uma pessoa realizada por se dedicar a uma profissão. Para ele, o trabalho deve

ser visto como uma das bases fundamentais para a recuperação de egressos. “É uma oportunidade que a sociedade tem de tirar uma arma das ruas, pois quem tem emprego, salário e sustenta a família provavelmente vai se manter longe dos crimes”, acredita.

Unidades produtivas

Outra ação que o Minas Pela Paz apoia, por meio de parcerias, é a instalação de unidades produtivas de empresas privadas dentro dos presídios. Essa forma de organização da produção é vantajosa tanto para empresas, que recebem incentivos fiscais e isenção dos impostos previstos pela Convenção das Leis de Trabalho (CLT), e para os condenados, que contam com o benefício da remissão da pena, remuneração, além da própria experiência profissional.

Nas Apacs, o trabalho é um dos 12 elementos do Método Apac, o que significa que todos os recuperandos, seja os do regime fechado, seja do semiaberto, devem participar de alguma atividade. Para trabalhar, eles recebem treinamento profissionalizante oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Serviço Social da Indústria (Sesi), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) ou outras entidades parceiras. De acordo com Ana Roberta da Cruz, coordenadora da Rede de Carreiras, serviço gratuito do Sistema Fecomércio Minas, Sesc e Senac que visa facilitar o encontro entre empresas e profissionais, a parceria com as Apacs, iniciada em 2013, tem se mostrado vitoriosa. “Ao dar oportunidades aos condenados, estamos contribuindo para a segurança pública. As pessoas precisam enxergar isso, pois hoje esse público encontra muitas dificuldades para entrar no mercado de trabalho.”

Porta para o futuro

Na Apac de Pouso Alegre, a movimentação é grande nas oficinas de mecânica, serralheria, funilaria, marcenaria e eletrônica. Na área de alimentação, os recuperandos abastecem a unidade com a produção de pães, lavoura de café, milho, feijão, hortaliças, legumes, leite, ovos e carne, o que garante a autonomia no sustento da unidade.

A produção da padaria é, ainda, comercializada em outros pontos da cidade. Diariamente, os cin-

co mil produtos preparados por cinco recuperandos, além de alimentarem o público interno, são vendidos a uma padaria da cidade, a três supermercados, órgãos administrativos da prefeitura, creches e escolas municipais. A iniciativa começou em 2010, quando os recuperandos participaram do curso de panificação e confeitaria oferecido pelo Senai em parceria com o Minas Pela Paz. “No início, entregávamos cem itens por dia. Com parte do rendimento revertido na melhoria da infraestrutura e do maquinário, conseguimos ampliar a produção”, revela o gerente administrativo da Apac Pouso Alegre, Valdeci Augusto da Silva.

De boa qualidade e com aceitação dos consumidores, os produtos da padaria contribuem para a reinserção dos recuperandos. “É uma das oficinas mais procuradas pelo grupo, pois ele sabe que o setor está aquecido, com muitas vagas disponíveis. Quem sai daqui com essa experiência também tem maior chance de empregabilidade, principalmente porque a padaria da Apac é referência em Pouso Alegre. Exemplo disso é que temos vários ex-recuperandos e internos do regime aberto atuando em estabelecimentos da cidade”, acrescenta Valdeci.

Há três anos na Apac, onde cumpre regime fechado, Fábio Freitas, de 32 anos, é auxiliar de panificação. Para ele, que em cerca de um ano será transferido para o regime semiaberto, a atividade é uma porta para o futuro. “Quando estava no presídio, me sentia rejeitado pela sociedade, mas na Apac sou valorizado. Estudei até o nível fundamental, mas aqui retomei a escola, aprendi informática e inglês e neste ano concluo o ensino médio. Trabalhei como cozinheiro e, agora, estou aprendendo o ofício de padeiro. Quanto mais eu me profissionalizar, mais chances terei de conquistar uma vaga no mercado.”

José Geraldo de Oliveira, de 28 anos, está na Apac há um ano e meio e também trabalha na padaria. Em fase de aprendizagem, ele encara a oportunidade como o início de uma nova etapa. “Acredito em uma mudança de vida, pois, tendo uma profissão, eu não voltarei a cometer os mesmos erros. Quando sair, vou trabalhar e dar bom exemplo para a minha família”, planeja o recuperando, que se orgulha em dizer que os pães que ajuda a produzir diariamente abaste-





cem creches e escolas do município, chegando aos seus cinco filhos.

Lucas de Assis Silva, de 24 anos, é inspiração para os auxiliares. Ele se formou padeiro na Apac de Pouso Alegre e, como recuperando, dedicou-se à atividade por um ano. Desde o início de 2014, quando conquistou a liberdade condicional, trabalha como funcionário contratado pela Apac no local. “Recebi propostas lá fora com salário melhor, mas preferi ficar na unidade pela satisfação de repassar o que aprendi”, conta.

Michele Machado começou a atuar na Apac como voluntária em 2009, quando ainda era estudante da faculdade de Nutrição. Hoje, formada e contratada, é ela quem orienta a equipe quanto às regras de higiene e o controle de qualidade, além de fazer o contato com clientes e gerenciar as entregas. “Nosso foco é formar padeiros, pois a profissionalização é uma forma de garantir que os recuperandos tenham uma vida digna após o cumprimento da pena. As relações de trabalho são importantes para que se quebre o pre-

conceito que, geralmente, se tem com relação às pessoas condenadas. A confiança depositada pelas empresas tem sido fundamental nesse processo”, enfatiza.

Tecendo esperança

Desde junho, a Apac de Pirapora conta com uma unidade produtiva da Real Minas Têxtil, especializada em materiais médico-hospitalares. A parceria, viabilizada pelo Minas Pela Paz, emprega sete recuperandos que produzem 2.500 gases cirúrgicos ao dia. A equipe foi capacitada por meio de um curso de costura oferecido pelo Senai e treinamento de 60 dias desenvolvido pela empresa.

De acordo com o presidente da Apac de Pirapora, José Trajano Porto, a parceria com a Real Minas é a primeira firmada pela instituição. “O trabalho gera efeitos além dos muros. Esperamos que esta seja uma porta para muitas outras parcerias. Estamos nos esforçando para desenvolver a qualidade desejada para os produtos e, ao mesmo tempo, promover mais qualidade de vida aos recuperandos”, declara.

O recuperando Geraldo Antônio Ribeiro, de 35 anos, há um ano cumpre regime fechado na Apac. Por sua experiência e avaliações positivas, que o acompanharam quando foi transferido da Penitenciária de Unaí, ele recebeu o cargo de supervisor da produção. “Aprendi a costurar em uma minifábrica instalada na penitenciária, onde trabalhei por cinco anos. Quando cheguei à Apac, sentia falta de dar continuidade à experiência. Foi, então, que propus à diretoria a implantação de uma unidade fabril”, recorda.

Segundo André Matias Cordeiro, de 27 anos, que está na Apac há cerca de um ano, a remuneração recebida pelo trabalho tem lhe possibilitado ajudar a família, além de ser um estímulo para mudar o futuro. “Agora que sou costureiro e estou concluindo o ensino médio, espero conseguir um emprego e ter uma vida digna. Recebemos um salário mínimo mais comissão, que gira em torno de R\$ 900 por mês. Como defende a Apac, ‘todo homem é maior que seu erro’, e trabalhando, a gente tem a chance de refletir e escolher um novo rumo.”

UNIDADES PRODUTIVAS EM MINAS GERAIS

Atualmente, cerca de 250 empresas estão instaladas em unidades prisionais convencionais, administradas pelo Governo de Minas, empregando 13.760 detentos. As atividades são coordenadas pelas empresas, cabendo ao poder público a função de gerir os programas. A remuneração é feita a partir de relatórios que mostram a frequência e a produtividade de cada condenado.

Do montante calculado para o pagamento, 25% são direcionados ao Estado, como forma de ressarcimento pelos gastos com o preso nas unidades. No último ano, a arrecadação foi de R\$ 2,5 milhões. Outros 25% ficam retidos em uma conta bancária que pode ser acessada pelo condenado após autorização do juiz e cumprimento da pena. O restante, 50%, é repassado ao preso por meio de um cartão, feito em parceria com o Banco do Brasil, que pode ser usado pela família. O trabalho envolvendo a mão de obra carcerária segue a Lei de Execuções Penais.

De acordo a Secretaria de Defesa Social (Seds), o índice de reincidência entre condenados que trabalham e estudam é de 20%, enquanto que a da população carcerária em geral é de 70%. Para o diretor de trabalho e produção da Seds, Guilherme Augusto Alves, o grande desafio é conseguir a adesão da sociedade para a causa. “É comum ver as pessoas falando que os presos precisam trabalhar, mas percebemos pouca ação. Quando uma empresa dá essa oportunidade, ela gera benefícios para toda a sociedade.”

Da Apac para as ruas

Há três anos, os difusores de ar que compõem os carros da linha Uno e de picape da Fiat são montados por recuperandos da Apac de Itaúna. A produção, que hoje conta com a mão de obra de oito pessoas dos regimes semiaberto e fechado, é coordenada pela Magneti Marelli, empresa do Grupo Fiat que possui uma fábrica na cidade.

Por dia, são montadas, na Apac, 2.500 unidades. “A produção das peças envolve as áreas de engenharia, logística e qualidade da Magneti Marelli, que acompanham de perto do trabalho realizado na Apac, desde o treinamento à inspeção de qualidade”, explica o analista da empresa Robert Fontoura. De acordo com ele, a instalação da oficina de montagem na unidade prisional faz parte da política de responsabilidade social do grupo, que é parceiro do Minas pela Paz.

A oficina, localizada em um terreno ao lado da Apac, não possui vigilância, muros altos ou grades. A confiança nos recuperandos, um dos grandes diferenciais do Método Apac, é o que rege as relações entre quem trabalha no lugar e a direção. “Se alguém foge, o grupo sabe que será punido e ficará sem trabalhar. Para ele, a atividade, além do benefício da remissão, traz remuneração direta que pode ser uma ajuda para as famílias”, fala a funcionária Regiane Aparecida de Oliveira.

Aos 52 anos, quatro deles na Apac, Luiz Caetano Borges já passou por diversas atividades na instituição e, atualmente, trabalha na oficina da Magneti Marelli. Para ele, que tem quatro filhos, o ofício representa uma ajuda financeira para a família, além de contribuir para que os dias sejam mais produtivos durante o cumpri-



mento da pena. “A gente sente que a vida não parou. Quando não trabalho, parece que o dia custa a passar e, enquanto estou fazendo as peças, nem percebo as horas.”

Há um ano e meio no regime fechado, Dorival Araujo Junior, de 45 anos, também trabalha com a montagem dos difusores, além de aproveitar todas as oportunidades de qualificação oferecidas. “Quando estou trabalhando, me esqueço dos problemas. Na hora de dormir, penso no dia seguinte como mais um dia de trabalho. Só quem está aqui sabe a importância disso para a nossa vida.”



ALÉM DOS MUROS

Criado em 2011 com o objetivo de disseminar e fortalecer as Apacs, o projeto Além dos Muros chega a sua reta final em 2015. Em seus quatro anos, a iniciativa beneficiou diretamente 29 Apacs com a capacitação profissional dos gestores, qualificação profissional de 300 recuperandos, além do apoio à implantação de duas unidades produtivas de padaria em Itaúna e Lagoa da Prata.

Outra importante contribuição do projeto para a Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (Fbac) e para as Apac's foi o desenvolvimento de um software de gestão, que vai contribuir para a consolidação de informações das instituições.

Jelletly Aron, ex-recuperando da APAC de Perdões, é um dos beneficiados do projeto Além dos Muros. Atualmente empregado na área de construção civil em sua cidade, ele conta que o projeto lhe deu oportunidade para aprender e crescer. “Mudei completamente minha vida. Aprendi desde rebocar até assentar tijolos, fazer massa, pintura e aplicação de texturas. Entendi que o trabalho carrega algo mais valioso que o dinheiro: a capacidade de contribuir para a realização dos sonhos de outra pessoa, como o sonho da casa própria.”

O Além dos Muros é uma parceria do Minas Pela Paz, Fundação AVSI, Fbac e Tribunal de Justiça de Minas Gerais, financiado pela União Europeia.

SOLUÇÃO EM ENTREGAS EXPRESSAS

Entregas expressas de documentos e encomendas em **Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília;**

Coletas e embarques diários de cargas no **Aeroporto de Confins;**

Terceirização de **motoboys e motocicletas** para empresas;

PRIMAR
Express
Logística e Transportes



Fotos: Uarlen Valério/MPerez

PAZ!

O DEVER DE CASA É PARA TODOS

Para combater a violência e a criminalidade do entorno, escolas apostam no maior envolvimento da família e das comunidades no dia a dia dos alunos

O caminho para a transformação social passa pela educação. Formar jovens conscientes de seu papel na sociedade e da importância da cultura da paz é um desafio enfrentado diariamente por educadores, sobretudo os que atuam em localidades com alto índice de violência. O Minas Pela Paz buscou iniciativas desenvolvidas por escolas públicas mineiras que têm gerado resultados positivos tanto para os alunos, quanto para as comunidades do entorno da instituições.

Localizada no Bairro São Cristóvão, Região Noroeste de Belo Horizonte, a Escola Municipal Honórina de Barros é um dos bons exemplos. Cercada por grande vulnerabilidade social, a instituição encontrou na parceria entre os educadores, familiares e moradores uma forma de mudar essa realidade. Há seis anos, a instituição, que possui 650 alunos, desenvolve o projeto *Saúde e Paz: O resto a gente corre atrás*, cujo objetivo é discutir assuntos importantes relacionados aos dois temas. “Falar sobre paz envolve uma mudança de valores, pois, muitas vezes, o aluno repete na escola um comportamento que vê na família ou no vizinho. Por isso, o trabalho tem que ser contínuo”, afirma a diretora Alena Paula Vilela.

Além de agregar as temáticas de paz e saúde ao projeto pedagógico – em redações e pesquisas, por exemplo –, o projeto incentiva a mudança de comportamento do aluno por meio de recompensas. Fernanda Leite de Oliveira Caetano, de 11 anos, já conquistou diversos prêmios em reconhecimento a atitudes positivas adotadas no ambiente escolar. “Ganhei um passeio ao cinema por manter a sala de aula limpa e tratar os colegas com educação. Desde que o projeto começou, os meus colegas ficaram mais tranquilos e o clima da escola também”, conta.

Escola para todos

Outra iniciativa desenvolvida na Honorina Barros é o programa *Escola Aberta*, que consiste na abertura da instituição, aos finais de semana, para os moradores do entorno. Incentivado pelo Governo Federal, o programa tem como objetivo potencializar a parceria entre escola e comunidade com a oferta de atividades educativas, culturais, esportivas e de formação inicial para o trabalho e geração de renda.

Atualmente, em Belo Horizonte, 120 escolas são cadastradas no programa, recebendo, mensalmente, cerca de 58 mil pessoas. Na cidade, a iniciativa é um dos braços de atuação da Rede pela Paz, ação permanente de prevenção da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) que propõe desde a formação de profissionais da Rede Municipal de Educação ao desenvolvimento de ações para prevenção e enfrentamento da violência escolar.

Na base dessas iniciativas, está o *Família Escola*, programa intersetorial do governo municipal que tem como intuito garantir a permanência e o desenvolvimento de crianças e adolescentes nas escolas. “As ações abordam temas diversos, como mobilização social e promoção da saúde. Ainda para este ano, está previsto o lançamento do *Plano de Segurança Escolar*, documento que visa orientar os profissionais quanto à prevenção à violência. Um dos nossos desafios é trazer a família para essa discussão e para a responsabilização pela educação dos jovens”, afirma a coordenadora do Família Escola Juliana de Melo Franco.

Espaço de convivência

Desenvolvido desde 2003 pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, o programa *Escola Viva, Comunidade Ativa* também tem buscado ampliar os canais de participação dos alunos e da comunidade para melhoria do ambiente escolar.

Segundo Iara Félix Viana, diretora de temáticas especiais da Secretaria, que gerencia a iniciativa, no começo, os investimentos estiveram focados nas questões estruturais. “No início, contabilizávamos muitos registros de violência em escolas da Região Metropolitana e o programa veio para aumentar a segurança. Revitalizamos os espaços e aumentamos a vigilância. No entanto, percebemos que era preciso mais do que isso para mobilizar as pessoas.”

Em 2009, o programa foi reestruturado e assumiu um viés mais humano, focado no engajamento de estudantes, moradores e familiares. “A comunidade queria ser ouvida e, ali na escola, ela passou a se reconhecer e a perceber que tinha voz. Entre as 320 instituições que hoje abrem aos finais de semana, houve uma redução significativa da violência em mais de 200 delas. A escola, portanto, tornou-se um local neutro e de convivência pacífica.”

Atualmente, 543 instituições de ensino no Estado integram o programa, que, no último ano, destinou cerca de R\$ 800 mil para ações como formação de fanfarras, iniciativas da Polícia Militar por meio do *Programa Educacional de Resistência*

às *Drogas* (Proerd) e de ensino à cultura africana, além de atividades abertas à comunidade. “Mais do que seguir o currículo pedagógico, as escolas devem ser um espaço para formação do ser humano”, destaca a diretora.

PARTICIPAR PARA MUDAR

Willian Júnio Moreira tem apenas 15 anos, mas fala como adulto sobre assuntos sérios como inclusão social, preconceito e paz. Aluno da Escola Municipal Anne Frank, no Conjunto Confisco, na Região da Pampulha, ele integra diversas ações que buscam dar mais voz para os jovens.

Neste ano, ele foi um dos vencedores de um concurso de redação promovido pela Confederação Israelita do Brasil (Conib) e pela Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), que incentivou os participantes a mostrarem a relação da história de vida de Anne Frank, a menina judia que foi perseguida pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, com a atualidade. Em seu texto, William comparou o preconceito vivido pela jovem à situação de muitos adolescentes negros e moradores da periferia no Brasil de 2014. A reflexão próxima a sua realidade, lhe rendeu um prêmio especial. “Ganhei uma viagem, com acompanhante, para Amsterdã, na Holanda. A cidade é totalmente diferente daqui. Foi maravilhoso”, comemora.

Junto com outros três colegas, Willian é também um dos 41 vereadores da Câmara Mirim, projeto desenvolvido pela Escola do Legislativo da Câmara Municipal de Belo Horizonte em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e a Escola Judiciária do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais. Outra medida importante é a maior troca entre os professores e a comunidade escolar, para a solução de problemas comuns. “A paz é uma sementinha que deve ser plantada. Acredito que, quando você traz a comunidade para a escola, o processo de aprendizagem fica mais transparente e há uma mobilização maior por mudanças”, finaliza a diretora Sandra Mara de Oliveira.



Willian participa de diversas ações que envolvem a promoção da paz em sua comunidade

CHUTEIRAS NOS PÉS E LIVROS NAS MÃOS

Futebol Minas Pela Paz vai oferecer formação integral a jovens em situação de vulnerabilidade social



Do campo de futebol à sala de aula, o projeto Futebol Minas Pela Paz tem como objetivo promover a inclusão social de jovens por meio da prática esportiva aliada à formação cidadã. Com a meta de atender, em cada núcleo, 180 meninos e meninas de 9 a 14 anos, a iniciativa está em processo de implantação na Região Metropolitana de Belo Horizonte. O projeto é baseado na metodologia esportiva da Escola da Bola, nas Diretrizes da UNESCO para a Educação e no Estatuto da Criança e do Adolescente.

A primeira etapa do Futebol Minas Pela Paz será a melhoria da infraestrutura de campos de várzea em Belo Horizonte, com a construção de módulos com vestiários, salas de aula, espaços para alimentação, administração e armazenamento de

materiais. As aulas de futebol, que vão ser ofertadas no contraturno escolar, vão ser aliadas a atividades educativas e de formação cidadã.

O projeto é fruto da parceria público-privada que envolve a Associação Mineira de Desenvolvimento Humano (AMDH), que é a entidade proponente junto ao Ministério do Esporte, a Prefeitura de Belo Horizonte, a MRV Engenharia, o Sesi, que, além das empresas AngloGold Ashanti, Vallourec, Grupos Algar e Fiat, que realizaram aportes financeiros, via Lei Federal de Incentivo Fiscal, para o início do projeto.

Caso sua empresa tenha interesse em vestir essa camisa, entre em contato pelo telefone (31) 3214-0417 ou pelo e-mail anaveloso@minas-pelaspaz.org.br

O ESPORTE E A FORMAÇÃO HUMANA

Leandro Perez / MPerez



DIRCEU LOPES

Ex-jogador profissional de futebol, colecionou títulos e premiações nas décadas de 1960 e 1970. Atuou como secretário Municipal de Esporte da Prefeitura de Pedro Leopoldo entre 2007 e 2012. Sua história é contada na biografia “O príncipe – A real história de Dirceu Lopes”, do jornalista Pedro Blank, lançada em 2014.

Em um contexto de vulnerabilidade social, o esporte pode ser a ponte para a construção de um futuro diferente para crianças e adolescentes. Quando praticado com foco no entendimento de limites, responsabilidades, direitos e deveres dentro da família e da comunidade, o esporte, certamente, pode eliminar problemas como a violência e o uso de drogas. Iniciativas sociais que colocam a atividade como meio transformador da educação reacendem o desejo por uma nova visão de mundo com mais oportunidade, em que sonhos podem se tornar realidade.

Seja em modalidades individuais ou coletivas, o que vai transformar a percepção dos jovens é a forma como o conhecimento é repassado por seus líderes. Treinadores e demais profissionais envolvidos nos projetos precisam estar capacitados e aptos a resgatar nos participantes valores e o senso de coletividade. E quanto mais cedo esse aprendizado começar, melhor. O ideal é que crianças de 6 anos sejam inseridas em atividades esportivas com esse foco.

Infelizmente, sabemos que a maioria da população não tem acesso a esse bem. Por isso, o Estado precisa investir em políticas públicas que ampliem o acesso a ginásios esportivos, quadras e piscinas públicas e centros sociais. Outro agente fundamental é a própria população, seja por meio de iniciativas como organizações não governamentais, seja através da cobrança por mais investimentos governamentais.

Atletas profissionais também têm papel importante. Desde cedo, crianças e adolescentes aprendem a torcer e ter admiração por seus ídolos, que, muitas vezes, saíram de uma realidade de vulnerabilidade para conquistarem um novo patamar social. No entanto, o que se percebe é que atletas famosos nem sempre possuem formação que os tornem exemplos. Isso é fruto de um amadorismo nas escolas e categorias de base, que se preocupam mais com a performance do que com o resgate de valores. Enquanto figuras públicas, eles precisam ter a consciência de sua influência e centrar seu comportamento na ética e na tenacidade.

Um novo horizonte, uma atuação diferente e uma educação mais sólida podem resultar em uma sociedade mais humana e, portanto, mais pacífica.

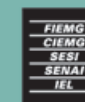


O MUNDO MUDOU. MAS SERÁ QUE A GENTE APRENDEU?

Viajar no porta-malas, andar de moto sem capacete, usar o ferro elétrico para alisar o cabelo. É, nós sobrevivemos a tudo isso. Mas o mundo mudou. E hoje, grande parte dos acidentes acontece pelo descumprimento de regras de segurança que já existem. É assim em todo lugar. É assim também na indústria.

Todos nós queremos mais segurança. Mas não adianta criar outras normas se a gente não aprender a usar as que já existem. Uma indústria segura se faz com trabalhadores bem treinados e com o uso adequado dos equipamentos de segurança. É hora de cada um fazer a sua parte a favor da vida.

Sistema FIEMG. Por uma indústria mais segura.



**Sistema
FIEMG**

www.fiemg.com.br

Um investimento da indústria



Alunos da E.E. Maria Vicência
Brandão de Matipó, Minas Gerais,
desenvolvem atividades educativas
com o Baú EConhecimento

OLHAR PARA TODOS
OS LADOS É O MELHOR
JEITO DE SEGUIR
EM FRENTE.

Para a Samarco, a melhor maneira de transformar a realidade de forma positiva é crescer junto com a sociedade. Por isso, temos orgulho de fazer parte da vida das comunidades em que atuamos e que nos dão essa oportunidade. São crianças, jovens e adultos que participam de programas sociais e ambientais voltados para a educação, a cidadania, a geração de renda e o voluntariado. Um movimento conjunto que abrange 29 municípios e 81 comunidades em Minas Gerais e Espírito Santo. Pessoas que, nos caminhos do desenvolvimento, compartilham conosco o valor do diálogo, da integridade e da confiança. Porque é assim, lado a lado, que a Samarco segue em frente.